

## LIMA BARRETO E SEU ESCRIVÃO

1º Ten QCO Clebsem Lelis Pereira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo aborda a possibilidade de leitura de uma das principais obras do escritor Lima Barreto, sua ligação com o contexto histórico e social do Brasil no início do século XX e a visão perspicaz do autor com relação à literatura e à crítica social.

**Palavras-chave:** Crítica social, romance de chave, literatura e sociedade.

**ABSTRACT:** This study approaches a possible reading of one of Brazilian writer Lima Barreto's main works, its linking with the Brazilian historical and social background in the beginning of the twentieth century and the author's astute point of view about literature and social criticism.

**Keywords:** Social criticism, romance, literature and society.

---

1 - Professor do Colégio Militar de Curitiba, Mestre em Estudos Literários pela UFPR e Especialista na área de Pedagogia pela UFRJ. lelis3@pop.com.br.

## INTRODUÇÃO

*Recordações do escrивão Isaías Caminha*, romance de Afonso Henriques de Lima Barreto é, sem dúvida, como toda grande obra literária, celeiro de múltiplas interpretações, que podem nos levar para caminhos seguros, veredas tranquilas, mas também podem, traiçoeiramente, guiar o observador mais atento para uma armadilha que o signo proporciona.

Embora o presente trabalho não almeje vôos a alturas elevadas, pontuamos algumas questões de análise que são propostas de leitura baseadas na fortuna crítica produzida por estudiosos que se debruçaram sobre a obra desse escritor carioca que soube, como poucos, falar sobre a realidade do Rio de Janeiro e do Brasil. Na esteira das discussões a respeito da obra de Lima Barreto, procuraremos enfocar pontos que partem da leitura do romance e que nos proporcionam o diálogo com o momento da produção ficcional e a história social, cujo escopo tem sido discutido nas últimas décadas, apresentando-se esta última (a história social) mais como um constructo discursivo do que propriamente como ciência.

Publicada em 1909, esta obra ainda representa um desafio para quem deseja aprofundar-se em sua leitura, e a caminhada torna-se mais fácil ou mais difícil à medida que vamos encontrando, ou não, as chaves para abrir as portas certas.

## UMA CHAVE

*Recordações do escrивão Isaías Caminha* narra a história de um jovem mulato pobre, porém inteligente e morador de um município do interior. Nascido de um pai branco (um padre) e de mãe negra, sua empregada, o menino cresce e, com o concurso de toda a família, após a morte do pai, consegue concluir o que hoje podemos chamar de Ensino Médio. O rapaz tem pretensões de prosseguir os estudos no Rio de Janeiro e de se tornar doutor. Recebe uma recomendação de um político local, o qual possui ligações de “apadrinhamento” com um deputado federal na capital, para ser “colocado”

em um emprego. Chegando ao Rio, é enganado pelo deputado e conhece a fome e a miséria, esquecendo-se dos estudos. Transforma-se em contínuo de um jornal e mais tarde, repórter. Abandona sua carreira quando era protegido do dono do diário. Deixa o Rio e vai se instalar em Caxambi, no interior do Espírito Santo, no cargo de escrivão de coletoria. Ali resolve escrever suas recordações.

Como já observamos, o romance foi publicado em 1909, mas os primeiros capítulos já haviam aparecido dois anos antes na revista *Floreal* e receberam uma nota positiva do crítico José Veríssimo, muito respeitado na época. Porém a obra não teve a receptividade que Lima Barreto esperava. O romance foi acusado de ser um *roman à cléf* (romance de chave), que satirizava as autoridades e as figuras da imprensa da época. O registro que marcou sua estréia foi o do personalismo<sup>2</sup>. Por trazer como protagonista um mulato, dotado de certa sensibilidade e talento, com um possível futuro promissor, e que, em contato com um sistema social exclusivista, sofre consequências que o empurram ao fracasso e à mediocridade<sup>3</sup> a crítica literária da época “reforça a idéia de que o autor, um ressentido, teria sido dominado por um profundo ‘complexo de cor’, como se dizia então, levando-o a destilar amarguras pessoais nas suas obras”<sup>4</sup>. Isso deixava a obra, segundo seus censores, com certo déficit de excelência, embora fosse “de alguma qualidade.”

O jornal no qual Isaías trabalhava era chamado *O Globo*, figura ficcional do poderoso *Correio da Manhã*, que, conforme as matérias de seus jornalistas e agregados, podia determinar o futuro político de ministros ou até iniciar um motim.<sup>5</sup> Isso vai levar Isaías a dizer que tomou contato com o quarto poder fora da Constituição. Porém, se Lima Barreto pintou quadros muito próximos

---

2 - Vide a correspondência de José Veríssimo a Lima Barreto comentando sua percepção: “Há nele, porém, um defeito grave, julgo-o ao menos, e para o qual chamo a sua atenção, o seu excessivo personalismo. É pessoalíssimo, e, o que é pior, sente-se demais que o é.”

3 - e que por isso, em suas recordações, denunciará o mecanismo desse sistema “apoiado” pela imprensa oficial, onde trabalhava grande parte da crítica literária.

4 - HOSSNE, Andréa Saad. A forma da angústia. In Revista Cult. Jul 2002, p. 52.

5 - Vide o levante da população no caso da obrigatoriedade do uso dos sapatos na cidade, que foi explorada pelo jornal e que, direta ou indiretamente, auxiliou para que os distúrbios se deflamentassem.

aos dos acontecimentos ou de figuras públicas de seu tempo, carregando nas cores ou simplesmente satirizando, como queriam seus detratores, foi “para escandalizar e provocar a atenção para a minha brochura,”<sup>6</sup> por isso não tinha a intenção documental do padrão autobiográfico. A forma como faz a caricatura do mundo jornalístico e de seus personagens acaba por deformá-los<sup>7</sup> e essa era a sua tática para furar o bloqueio feito ao escritor principiante;<sup>8</sup> porém era arriscada a sua cartada, sob pena do público leitor ver na narrativa pouco mais que cópias arruinadas do mundo real. Todavia, “a associação dos personagens com figuras da vida real, sim, pode provocar deformações na análise; o retrato caricatural dos ‘mandarins literários’ – expressão do próprio Lima Barreto – parece vir a propósito, representando a própria caricatura de intelectuais que eram.”<sup>9</sup>

Acreditando que o registro de Lima Barreto era satírico demais com relação a um elemento da realidade como a imprensa, seus contemporâneos, analisando obliquamente *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, sem perceber suas inovações e sua perspectiva, vão estabelecer a tradição da crítica do mulato ressentido e projetar o romance para o rol dos *roman a cléf*.

Lima Barreto, suspeitando que seu romance poderia não ser bem compreendido, antes de sua publicação escrevia para Corinto da Fonseca:

Aí vão as páginas do *Isaías*, que recebi de Lisboa. Peço-te que não mas perca, pois só recebi estas. Mando-te também o prefácio, que lhe pus à testa, quando o comecei a publicar. Tirei-o do livro. Tenho ojeriza pelos prefácios, mas ele te pode servir bem para compreenderes o livro. Estou certo que a tua inteligência há de ver nele mais do que um ataque ao jornal. Há de ver nele um caso de “desmoralização”, de enfraquecimento do indivíduo pela sociedade, de apavoramento diante dos seus prejuízos.<sup>10</sup>

---

6 - BARBOSA, Francisco de Assis. “Prefácio” In: BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1968, p. 12.

7 - Cf. Lúcia Miguel-Pereira. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 301.

8 - Cf Fantinati, ib. p.54.

9 - RODRIGUES, Fábio Della Paschoa. O virtuose e o marginal. <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/v00001.html>.

10 - LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Obras completas*. Org. Francisco de Assis

Bem, se Lima Barreto, como diz na carta, pretendia que se visse em sua obra mais “do que um ataque ao jornal,” por que retirou da publicação justamente o prefácio que “serve bem para compreendê-la? Será que é pelo mero desgosto de prefácios? Qual sua intenção àquela época, já que na segunda edição, de 1917, ele reintegra o duplo prefácio, assinado o primeiro pelo amigo e editor, Lima Barreto e o segundo pelo autor, Isaías Caminha? Acredita-se então que essa possa ser a chave para a sua leitura, que parte da sublimação na fusão entre a instância pessoal e a histórica. É este imbricamento que Andrea Hossne observa como o ponto de ebulição de toda a qualidade de *Isaías Caminha*: a transformação de uma experiência que é “ao mesmo tempo singular e histórica”<sup>11</sup> em literatura, vesada por uma verve crítica, ácida até, mas filtrada, do excluído reconhecido no “outro”. Não surpreende então que a intenção de Lima Barreto era mostrar que “um rapaz nas condições de Isaías, com todas as disposições, pode falhar, não em virtude de suas qualidades intrínsecas, mas batido, esmagado, prensado pelo preconceito.”<sup>12</sup>

Para evitar o equívoco da primeira, em sua segunda edição, de prefácio duplo, vem intitulada como “Breve notícia”. O primeiro prefácio, de Barreto, explica como se deu a publicação da obra por seu intermédio, com a preocupação de desculpar a supressão do prefácio da primeira edição, que tem “tanta coisa interessante que muito concorre para a boa compreensão do livro”, talvez vá aí a resposta à crítica de Veríssimo sobre o personalismo no romance<sup>13</sup>, tentando desfazer o engano, já que ele alude ao elogio feito pelo crítico quando da publicação dos primeiros três capítulos na Floreal. O segundo prefácio é de Isaías, explicando os motivos que o levaram a escrever suas recordações. Há no final uma nota do editor, na qual não só comenta o que foi colocado pelo “autor” Isaías como dá notícias deste decorridos dez anos da composição do livro. Comentando o fato de nossos leitores atropelarem o prefácio para irem direto à narrativa, Hossne lembra que talvez por causa disso Mário de Andrade chama de “Interessantíssimo” seu prefácio em *Paulicéia*

---

Barbosa et alii. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 189-190.

11 - HOSSNE, loc. cit., op.cit.

12 - BARBOSA, ib., p. 12.

13 - Vide a carta de Veríssimo a Lima Barreto, de 1910.

*desvairada*. No caso de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, o livro (ou a narrativa) começa realmente no prefácio. “O fim, portanto, da trajetória de Isaías não está na última página do romance, como termo de suas memórias, mas logo no início, na voz do editor.”<sup>14</sup>

Aceitando o que nos dizem os prefácios, encara-se portanto Isaías como personagem narrador, mas também como autor da obra cujo editor é Lima Barreto. “Assim, as dificuldades que cercam um escritor, entre elas a solidão, o questionamento sobre o valor e função do que escreve são personificados pelo protagonista do romance e constituem uma metáfora para o escritor moderno da Literatura Brasileira”<sup>15</sup> em que, conforme expõe Carmem Figueiredo,<sup>16</sup> não há o traço utópico do primeiro narrador destas terras, o escrivão Pero Vaz de Caminha, mas acredito que há muito do anúncio e da pregação do profeta Isaías.<sup>17</sup>

O prefácio assinado por Isaías nos dá a gênese e as motivações de suas recordações. Leu um artigo em uma revista nacional que afirmava a inferioridade intelectual dos homens de origem negra e mais que isso, argumentava que esses, quando jovens, possuíam uma grau de inteligência promissor, o qual não se confirmava quando adultos. Para contrapor às afirmações do artigo, resolve narrar sua vida. Seu objetivo seria mostrar que não estava na questão racial, o motivo do insucesso dos negros na maturidade, mas na estrutura da sociedade, excludente e marginalizadora.

Ao discurso determinista do artigo, Isaías vai revelando, ao narrar seus descaminhos pela capital, as engrenagens sociais, a “estrutura do favor” que

---

14 - HOSSNE, loc. cit. op. cit.

15 - FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. Lima Barreto e as ruínas do imaginário. <http://nuevomundo.revues.org/document2936.html>

16 - Id., ib.

17 - Foi-lhe dado (a Jesus) o livro do profeta Isaías. Quando desenrolou o livro, encontrou o lugar onde estava escrito: “o Espírito do Senhor” (repousou) sobre mim; pelo que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a sarar os contritos do coração, a anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a recuperação da vista, a por em liberdade os oprimidos e a pregar o ano favorável do Senhor. (evangelho de São Lucas 3-14 a 19). BIBLIA SAGRADA. Trad. Pe. Matos Soares. São Paulo: Paulinas, p. 1125. Podemos notar a força da onomástica de Lima Barreto: a escolha do nome do protagonista, refundindo significativamente sua ação.

já vigia no Império, mas que aprofunda suas raízes na República, agora não mais usando como símbolo de poder o título nobiliárquico, mas, entre outras coisas, o anel de bacharel e o pergaminho na parede.<sup>18</sup>

Hossne vai observar que esse recurso da narração, a “recusa da voz autoral” de Lima Barreto com a “afirmação da existência empírica de Caminha”, pois Lima Barreto é apenas o amigo que lhe edita a obra e que também dá as notícias recentes do escrivão, é um modo interessante de contrapor à verdade científica, publicada em artigo de revista de circulação nacional, a “força do testemunho” fundado na narração da “realidade vivida”<sup>19</sup>. O que nos leva a reafirmação do projeto de Lima Barreto em que “ a literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros.”<sup>20</sup>

Assim, encontramos um Isaías que possuía sonhos de “influir no processo de evolução da sociedade mediante a realização de um projeto redentor”<sup>21</sup> e que, em conflito com o mundo, representado pela cidade do Rio de Janeiro, sente-se sem forças para lutar e sucumbi ao sistema capitalista e preconceituoso, mecanismo de controle que o advento da República viria exacerbar.<sup>22</sup> Irenísia de Oliveira observa que ante a expectativa produzida no início da narrativa a liquidação social e psicológica de Isaías se dá rápido demais, ficando no leitor a sensação de que o personagem deveria insistir em seus ideais, superando os primeiros obstáculos e a imobilidade, evitando a apatia e a cooptação que o levaram à mediocridade<sup>23</sup>: “E notei essa ruína dos meus primeiros estudos cheio de indiferença, sem desgosto, lembrando-me daquilo tudo como impressões de uma festa a que fora e a que não devia

---

18 - HOSSNE, *ib.*, p.54.

19 - *Op. cit. loc. cit.*

20 - LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Impressões de leitura. *Revista Sousa Cruz*, Rio de Janeiro, ns. 58-59, p. 56, out./nov. 1921.

21 - FANTINATI, *ib.* p. 68.

22 - Sobre o assunto, verificar como José Murilo de Carvalho faz um painel da sociedade nos primeiros tempos da República em *Os bestializados (op.cit)*.

23 - OLIVEIRA, Irenísia Torres de. Uma palha na cidade. *Revista Letras*. Curitiba, n. 64, p.78, set./dez. 2004.

voltar mais. Nada me afastava da delícia de almoçar e jantar por sessenta mil-réis mensais.”<sup>24</sup> Já Lima Barreto, o escritor, fez da literatura sua vida, e defendeu seu projeto até o seu fim, conforme pode se ver por suas obras, sacrificando a saúde, o lazer e até o amor de outra pessoa por aquilo em que acreditava.

## ISAÍAS E O OUTRO

Meu Deus, eu ando  
com o sapato furado  
tenho a mania  
de andar engravatado  
e minha cama  
é um pedaço de esteira  
e é uma lata velha  
que me serve de cadeira.

Meu Deus, meu Deus...

Minha camisa  
foi encontrada na praia  
e a gravata foi achada  
na ilha de Sapucaia  
meu terno branco  
parece casca de alho  
foi a deixa de um cadáver  
do acidente no trabalho.

Meu Deus, meu Deus.  
O meu chapéu

foi de um pobre surdo e mudo  
a botina foi de um velho  
da revolta de Canudos.  
Quando eu saio a passeio  
as damas ficam falando  
- trabalhei tanto na vida  
pro malandro estar gozando.

Meu Deus, meu Deus...

A refeição  
é que é interessante  
na tendinha do Tinoco  
no pedir eu sou constante  
e o português  
meu amigo sem orgulho  
me sacode o caldo grosso  
carregado no entulho.

*Cabide de molambo*, de João da Baiana  
(1887- 1974), datado de 1917

As letras de samba sempre foram uma espécie de crônica de época. Muitos compositores, de forma irreverente, procuravam mostrar uma realidade que era vivida pelo povo pobre, como a composição de João da Baiana da epígrafe. Lima Barreto, em *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, vai fazer um painel da sociedade do Rio de Janeiro, com um carinho todo especial por essa gente, em sua maioria negra ou mulata e que, por viver à margem, na

---

24 - LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*., p. 57, [http:// www.dominiopublico.org.br](http://www.dominiopublico.org.br).



periferia, apenas frequentando o centro da cidade para conseguir seu sustento, acha-se excluída e sem uma voz que lhes defenda.

A história que é narrada por Isaías se passa no período da “Regeneração”. Nicolau Sevcenko nos mostra que havia uma série de políticas para alçar o Brasil (e o Rio de Janeiro como capital) a um posto de igualdade com os países europeus. Uma delas era a sistemática censura a hábitos e costumes que tinham origem na sociedade colonial. Outra era a população andar calçada. Vide em *Isaías Caminha* a voz de Floc, representando a visão do *establishment*, ao saber que os operários não iriam acatar a lei que obrigava o uso dos sapatos: “- Causa má impressão ver essa gente descalça... Isso só nos países atrasados! Eu nunca vi isso na Europa...”<sup>25</sup> Houve também a depreciação de qualquer forma de manifestação da cultura popular, a fim de que fosse valorizada a cultura dos “povos civilizados”. Outro ponto era a expulsão dos populares do centro da cidade, que passará a ser ocupado pelas novas camadas sociais. As grandes inovações na cidade sob a gestão do prefeito Pereira Passos deram origem à destruição dos cortiços para que se fossem abertos boulevares, como a avenida Central. Por fim, e mais importante, a instituição de “uma maneira de se comportar inspirada no estilo de vida parisiense”. Nestes princípios estão as concepções do momento histórico, “caracterizado por violentas marginalizações e exclusões, não apenas econômicas, mas principalmente culturais e étnicas.” O samba em epígrafe demonstra bem o padrão ao qual o povo tinha de se submeter.<sup>26</sup> “Com essa seleção, ficarão de lado tradições e recriações culturais consideradas atrasadas ou remanescentes de uma mescla cultural, não afinada com padrões importados do Velho Continente, em favor do que passa a valer como ‘moderno’ ou ‘civilizado’”<sup>27</sup>.

Após essa contextualização, que é significativa para o entendimento do enredo, passamos ao romance. Isaías sai de casa na esperança de se tornar

---

25 - LIMA BARRETO, *ib.*, p.72.

26 - É claro que também houve momentos em que o povo se rebelou. Veja o caso da reação ao uso obrigatório dos sapatos, tão bem apresentado por Lima Barreto em *Isaías Caminha*, ou mesmo a Revolta da Vacina, de 1904.

27 - SEVCENKO apud NASCIMENTO, *ib.*

Doutor, ostentando o título que, mais do que lhe dar uma profissão, seria a chave para sua mudança de condição: “Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente.”<sup>28</sup> Sua esperança era seu excelente rendimento (com distinção) na escola, influência talvez de sua admiração pela erudição do pai, branco, padre da pequena cidade, que, obviamente não podia assumi-lo publicamente. Interessante também

notar que nessa caminhada em busca do saber, Isaías tem a proteção da professora (que também é branca), que lhe dá de presente um livro chamado *Poder da vontade*, o qual será seu orientador espiritual durante algum tempo. Essas figuras que acompanham Isaías, especialmente a do pai, tem como contraponto a mãe, ignorante, pobre e negra, portanto, marginalizada. O pai morre, Isaías termina seus estudos com o apoio de um tio, também humilde, e tem de deixar a escola. O futuro que lhe resta está representado na figura da mãe, que lhe acolhe, mas não pode mudar sua sorte.

Com muita esperança Isaías parte para o Rio de Janeiro, onde se frustra e gradativamente vai tomando contato com a população excluída, tornando-se um excluído também, em uma cidade que passava por diversas mudanças estruturais, expulsando os despossuídos para os subúrbios. É Isaías que nos mostra, através de suas sensações, como viver na capital da República. Um dos primeiros conselhos que recebe do Dr Michaelowsky é o de “pendurar, quando se entra, a sobrecasaca de cavalheiro no Pão de Açúcar.”<sup>29</sup> Como o aspirante a doutor estava chegando e ainda não havia sido “infectado” por aquela visão de mundo, pode observar um desfile de militares que chamou sua atenção:

Os oficiais muito cheios de si, arrogantes, apurando a sua elegância militar; e as praças bambas, moles, e trôpegas (...), tendo as carabinas mortíferas com as baionetas

---

28 - LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Recordações do escrivão Isaías Caminha.*, p. 4 [http:// www.dominiopublico.org.br](http://www.dominiopublico.org.br).

29 - Id., ib., p. 14.

caladas, sobre os ombros, como um instrumento de castigo. Os oficiais pareceram-me de um país e as praças de outro. Era como se fosse um batalhão de sipaios ou atiradores senegaleses.<sup>30</sup>

Ora, conhecendo a estrutura do Exército, sabe-se que proporcionalmente ao número de praças, o número de oficiais é pequeno, mas são eles que têm o comando da tropa. Não é difícil então ler esse trecho, que em princípio é relativamente gratuito, como uma alegoria do que se passava no momento da incipiente República: uma elite de políticos, ricos comerciantes, donos de jornal, comandando a grande massa de “sipaios” pobres e mestiços, representando o povo. Veja-se a percepção desse instante (inclusive cromática) de Isaías em contraste com a ironia do trecho a seguir, fechando a frase com reticências: “O batalhão passou de todo; e até a própria bandeira que passara, me deixou perfeitamente indiferente...” Ou mesmo a frase de Leiva, rapaz da mesma condição de Isaías: “O senhor não vê que a Pátria não é mais do que a exploração de uma minoria, ligada entre si, estreitamente ligada, em virtude dessa mesma exploração, e que domina fazendo crer à massa que trabalha para a felicidade dela?”<sup>31</sup>

Usando como gancho a passagem do batalhão, observemos o que faz Lima Barreto em relação aos “símbolos de autoridade” comparando com a “competência da autoridade”. Vejamos o que Figueiredo nos diz:

É interessante observar a quantidade de personagens, na obra de Lima Barreto, que transitam, convenientemente, entre o que dizem as convenções, seus reflexos projetados no dia a dia e aquilo que, de fato, é possível ser. (...) O sentido correspondente é outro, e é a este deslocamento de sentido que se precisa estar atento ou apto a compreender como norma, regra e não exceção.<sup>32</sup>

Por essa chave interpretativa, podemos entender o suicídio de Floc, o

---

30 - Id., ib., p. 15.

31 - Id., ib., p. 35, 36.

32 - FIGUEIREDO, ib.

jornalista d'O Globo, bem trajado e vaidoso, que frequentava os salões da alta sociedade e participava das solenidades para ir transpondo os acontecimentos em sua coluna. A questão é que seu texto sempre vinha cheio de chavões e “firulas” literárias, tão ao gosto dos literatos da época e do público em geral. Acresce que Floc também era o crítico de literatura do jornal. Chegando uma noite de um baile no palácio que realmente o impressionou e tentando colocar no papel a experiência que teve, pressionado pelo técnico da máquina de impressão e pela consciência que queria transmitir esteticamente o que havia sido aquele momento e que necessariamente merecia algo diferente em relação ao padrão da sua crítica, sente-se inepto para tal e se suicida.

É interessante também verificar como Lima Barreto vai valorizar o conhecimento, a sabedoria e a criatividade popular em *Isaiás Caminha*. Exemplo está no seguinte trecho:

Acabado o chá, eu ainda ouvia histórias da tia Benedita, uma preta velha, antiga escrava de meu reverendo pai. Eram cândidas histórias da Europa, causas delicadas de paixões de príncipes e pastoras formosas que a sua imaginação selvagem transformava ou enxertava com combates de gênios maus, com malefícios de feiticeiras, toda uma ronda de forças poderosas e inimigas da vida feliz dos homens.<sup>33</sup>

Uma tradição que vinha da letrada Europa, com “delicadas” paixões de príncipes e pastoras, cândidas histórias, era transformada pela escrava analfabeta, mas de “imaginação selvagem”, em estórias que encantavam o menino Isaiás, a ponto de virem a sua lembrança anos depois. Observe o uso dos adjetivos *delicadas* e *cândidas* em oposição à riqueza da selvagem imaginação. A velha escrava deglute as importadas estórias sem cor, com personagens que não faziam parte do mundo nacional e as transforma em vivo combate de forças poderosas, tão ao gosto do menino do interior. Alguma semelhança com o que mais tarde será defendido pelo movimento antropofágico dos modernistas? Quem sabe. E pensamos ser proverbiais as

---

33 - LIMA BARRETO, *ib.*, p. 18.

palavras de Figueiredo, quando faz um remate da obra e diz, fazendo coro com o autor<sup>34</sup>, que ela é “‘desigual’ porque substancialmente coerente na expressão de uma cultura em que, das páginas escritas de textos literários, ficaram ruínas para orientar, excluir ou alimentar sonhos, no cotidiano de muitos analfabetos.”<sup>35</sup>

Quando vai para a casa do Rio Comprido, no subúrbio, espécie de antigo palacete que havia se transformado em cortiço, Isaías observa os moradores, de uma maneira um tanto própria, pois não se inclui entre os humildes, mas se identifica com eles em suas reflexões:

Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades. Não sei que estranha tenacidade a leva a viver e por que essa tenacidade é tanto mais forte quanto mais humilde e miserável. Vivia na casa uma rapariga preta que suportava dias inteiros de fome, mal vivendo do que lhe dava uma miserável prostituição; entretanto à menor dor de dentes chorava, temendo que a morte estivesse próxima.<sup>36</sup>

É o relato de desabafo do jovem Isaías, solidário a essa gente, que é tão forte para resistir e ao mesmo tempo tão necessitada, abandonada a própria sorte. Seu texto se aproxima ao de João do Rio, cronista e grande observador da sociedade do Rio de Janeiro, contemporâneo de Lima Barreto. Na crônica *As mulheres mendigas*, João do Rio começa a discorrer sobre todos os tipos de golpes que as falsas mendigas da cidade, que conhecidas pelo nome, davam aos transeuntes. Mas aos poucos ele vai se tornando triste e dolorido, quando passa a narrar a realidade das mulheres pobres:

Do fundo desse emaranhado de vício, de malandragem, de gatunice, as mulheres realmente miseráveis são em muito

---

34 - Em carta ao crítico Gonzaga Duque, Lima Barreto chamou seu livro de “desigual, propositadamente mal feito, brutal.” BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio a Recordações do escrivão Isaías Caminha. Obras de Lima Barreto. São Paulo: Brasiliense, 1956, p 13.

35 - FIGUEIREDO, ib.

36 - LIMA BARRETO, ib., p.64.

maior número do que se pensa, criaturas que rolaram por todas as infâmias e já não sentem, já não pensam, despidas da graça e do pudor. Para estas basta um pão enlameado e um níquel; basta um copo de álcool para as ver taramelar, recordando a existência passada.<sup>37</sup>

As mendigas de João do Rio não são muito diferentes das mulheres pobres de Lima Barreto em Isaías Caminha, que brigam pelos ovos de uma galinha<sup>38</sup> ou pedem esmolas com tanta sofreguidão que a uma, mesmo sem muito dinheiro, o jovem acabou dando-lhe sua maior nota. São vítimas por sofrerem na pele todos os preconceitos: da condição social, de sexo e de cor.

## O VENENO DE NÉSSUS

Após deambular pelas ruas, conhecer a fome e o desespero, Isaías encontrará no emprego do jornal sua possibilidade de salvação financeira e vai chegar à função de repórter. Esqueceu-se dos seus objetivos iniciais de se tornar doutor, e pôde ver a sociedade através de suas entranhas. Parece que, com toda a experiência, sua vida deveria seguir um caminho de marasmo e tranquilidade pois como o próprio personagem nos diz: “Tinha atravessado um grande braço de mar, agarrava-me a um ilhéu e não tinha coragem de nadar de novo para a terra firme que barrava o horizonte a algumas centenas de metros. Os mariscos bastavam-me e os insetos já se me tinham feito grossa a pele.”<sup>39</sup> Segundo Alfredo Bosi, era o social que estava recobrando a carne “com as escaras deixadas pela luta cotidiana.”<sup>40</sup>

Surpreendendo todas as expectativas, mas recuperando a consciência do homem que havia se transformado com a vida mundana que levava, Isaías retorna para o interior, em Caxambi, Espírito Santo, para ser escrivão de coletoria. É lá, como sabemos, que ele resolve escrever suas memórias e seria

---

37 - RIO, João do (Paulo Barreto). *As mulheres mendigas. A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura. P. 128, 1995.

38 - Vide o caso das mulheres que vão parar na delegacia porque a galinha que pertencia a uma delas havia posto ovos na casa da outra.

39 - LIMA BARRETO, *ib.* p. 64.

40 - BOSI, Alfredo. *O exílio na pele. Folha de São Paulo*, 13 Mai 1988.

lá que deveria ficar até o final de sua vida, com esposa e filho. O leitor aqui é surpreendido mais uma vez quando seu editor, em nota, dá as novas: Isaías é deputado em seu estado, com pretensões de se tornar deputado federal, é visto regularmente no Rio de Janeiro a desfilar com belas fatiotas, enviuvou e não tem filhos e está rico. Essa sensação de estar num barco jogado pelas ondas, subindo e descendo é a sensação da falta de esclarecimentos por parte do editor Lima Barreto, coroada com um “basta!” É ele (o editor) que ainda se pergunta: “Será mesmo isso ou será de lamentar que a felicidade vulgar tenha afogado, asfixiado um espírito tão singular? Quem sabe lá?” Sobre essa possível involução Figueiredo, questionando o fracasso dos ideais de Isaías, diz-nos que se por um lado o sonho do equilíbrio entre as aptidões pessoais e as relações sociais parecem ter se anulado, por outro, pode ser que seja que o “autoritarismo familiar de tradição patriarcal e o paternalismo conservador que abrem suas portas, marcadas pelo favor, cooptação e obediência ao protagonista. Enredado por essas teias, o escrivão Isaías vê dissolverem-se os seus ideais para, contraditoriamente, projetar-se socialmente.”<sup>41</sup> Particularmente, prefiro acreditar que ele não esteja se envenenando, como Hércules, com a bela túnica de Néssus. “Esperemos mais.”

## CONCLUSÃO

Pagando um tributo ao seu projeto de vida, Lima Barreto queimou seus navios e deixou tudo para se dedicar as coisas de letras.<sup>42</sup> Construiu uma obra representativa e produziu seus romances para que fossem lidos e compreendidos (!) quase um século depois. Muito já se falou de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e ainda virão novos e surpreendentes estudos, assim como nova, atual e surpreendente é sua narrativa. Desfazer alguns equívocos provocados pela recepção do romance, apontando, baseado nos estudos de profissionais experimentados, alguns pontos que podem contribuir para uma chave de leitura de *Isaías Caminha*, foi o objetivo que traçamos.

---

41 - FIGUEIREDO, ib.

42 - LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. Esta minha letra. In *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Brasiliense, p. 294, 1956.

Muitos outros pontos de análise podem ser levantados, porém acreditamos que a discussão apresentada já aponta algumas questões que podem ser mais bem desenvolvidas em um trabalho de maior fôlego. Por ora, o material presente procurou cumprir seu objetivo.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. “Prefácio” In: BARRETO, Lima. **Recordações do escrívão Isaías Caminha**. São Paulo: Brasiliense, 1968, p. 12.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Pe. Matos Soares. São Paulo: Paulinas, p. 1125.

BORBA, Osório. **A comédia literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.

BOSI, Alfredo. O exílio na pele. **Folha de São Paulo**, 13 Mai 1988.

CÂNDIDO, Antônio. Os olhos, a barca e o espelho. **A educação pela noite**. São Paulo: Ática.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FANTINATI, Carlos E. **O profeta e o escrívão**. Estudo sobre Lima Barreto. Assis, Instituto de Letras, História e Psicologia; São Paulo: Hucitec, 1978.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. **Lima Barreto e as ruínas do imaginário**. <http://nuevomundo.revues.org/document2936.html>

HOLANDA, Sérgio Buarque de. [Prefácio de] **Clara dos Anjos**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

HOSSNE, Andréa Saad. A forma da angústia. In: **Revista Cult**. Jul 2002, p. 52.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Amplius**. Histórias e sonhos. Rio de Janeiro:

\_\_\_\_\_. Esta minha letra. In **Feiras e Mafuás**. São Paulo: Brasiliense, p. 294, 1956.



\_\_\_\_\_. Impressões de leitura. **Revista Sousa Cruz**, Rio de Janeiro, ns. 58-59, p. 56, out./nov. 1921.

\_\_\_\_\_. **Obras completas**. Org. Francisco de Assis Barbosa et alii. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, p. 4, [http:// www.dominiopublico.org.br](http://www.dominiopublico.org.br).

LIMA, M. Oliveira. Policarpo Quaresma. In LIMA BARRETO, A. H. de. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976, (Coleção Ensaios, 20).

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de ficção (de 1870 a 1920)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

NASCIMENTO, Maria Ercília do. **Linguagem literária e o Rio de Janeiro fin-de-siècle**: Trajetos da cidade, trajetos da exclusão. [http:// www.dasafio.ufba.br/gt4-005.html](http://www.dasafio.ufba.br/gt4-005.html).

OLIVEIRA, Irenísia Torres de. Uma palha na cidade. **Revista Letras**. Curitiba, n. 64, p.78, set./dez. 2004.

PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto: o crítico e a crise**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1989.

PROENÇA, M. Cavalcanti. **Augusto dos Anjos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

RIO, João do (Paulo Barreto). **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

RODRIGUES, Fábio Della Paschoa. **O virtuose e o marginal**. <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/v00001.html>.